

CENTENÁRIOS - 1970

LÍVIO BARRETO

Lívio Barreto — convém seja lembrado nesta oportunidade quando passa a data de seu centenário — nasceu na fazenda Angicos, distrito de Iboaçú, comarca de Granja, a 18 de fevereiro de 1870. Seus pais, modestos agricultores e criadores, chamavam-se José Soares Barreto e Mariana da Rocha Barreto. A imposição de sua personalidade poética foi, dessa sorte, um dom de nascimento, já que nenhum motivo direto, nenhum padrão de escolha, nenhuma condição favorável influíram sobre sua formação, sobre seu destino de poeta. Faleceu, em Camocim, às 3 horas da tarde do dia 29 de setembro de 1895, quando trabalhava, funcionário que era da Companhia Maranhense de Navegação a Vapor, informa seu colega «padeiro», Artur Teófilo, num artigo publicado em *O Pão*, de 15 de outubro de 1895. Matou-o um derrame cerebral. Escapou assim, ao lugar-comum romântico da morte por tuberculose, não obstante desaparecesse no apogeu da mocidade, com 25 anos, sete meses e 11 dias.

Inquieto de vocação e de sonho, reagiu para escapar à sua condição prosaica de caxeiro humilde, ao meio escasso que o limitava, e emigrou. Em junho de 1888 seguiu para Belém do Pará e ali esteve até que — não a fortuna — o beriberi lhe chegasse e ele fosse compelido a regressar à cidade do berço, a 7 de agosto de 1891. Em fevereiro de 1892 chegaria a Fortaleza, com destino à casa comercial de Adolfo Barroso, e aqui permaneceu até o dia 27 de junho de 1892, quando embarcou, desiludido e nostálgico, de regresso aos lares, pelo vapor «Alcântara», via Camocim. Dois dias depois, naufragava, na costa de Periquara, salvando-se a nado e, mesmo na praia, se-

gundo uma tradição não confirmada, redigiu na areia o seu poema «Náufrago!», a mais romântica de suas composições, conforme observei em nota destinada à *Antologia Cearense*, organizada pelo historiador Raimundo Girão, publicada em 1957.

Embora sua melhor fase criadora esteja condicionada aos anos de 1893 a 1895, quando residia no interior, ora em Granja, ora em Camocim (das 94 peças que compõem o volume *Dolentes*, apenas 14 estão datadas de 1892), o interlúdio fortalezense lhe foi fecundo em experiências literárias. Aqui, em companhia de Antônio Sales, Tibúrcio de Freitas, Adolfo Caminha, Lopes Filho, Sabino Batista, Jovino Guedes e outros, integrou a lista de 20 nomes, dos 20 padeiros fundadores da Padaria Espiritual, famosa sociedade de letras que se instalou em Fortaleza, à Rua Formosa n.º 105, no dia 30 de maio de 1892, com o lançamento ulterior de um programa revolucionário redigido pelo «padeiro» Moacir Jurema, ou seja, Antônio Sales.

Na grei fermentadora da Padaria, Lívio Barreto era apelidado por Lucas Bizarro. Se foi ele próprio que adotou o pseudônimo, como era de praxe entre os «padeiros», o fato se constitui em mais um elo da cadeia de afinidades que o ligam a Antônio Nobre, que era um homem, no dizer de João Gaspar Simões, «sensível até o delírio, delicado até à megalomania, Narciso até o êxtase». Com querer ser bizarro, isto é, garboso, gentil, nobre, esquisito (agora se diria sofisticado), Lívio Barreto revelava as suas inclinações narcisistas. Em Antônio Nobre o poeta cearense encontraria, talvez, o seu correspondente formal mais expressivo. E se recebeu influência ao estilo que lhe foi a maneira afeccionada de produzir, certo terá sido o autor de *Só* o seu principal credor. O escritor Sânzio de Azevedo, na introdução que escreveu para a 2.ª edição de *Dolentes*, aponta, com muita lucidez, as incidências de tom, de forma, de ritmo, de técnica que existem nos versos de Lívio Barreto segundo os acentos da poesia de Antônio Nobre. Notadamente num belíssimo poema que Sânzio foi encontrar nas páginas esquecidas de *O Pão* n.º 30, de 15-12-1895, intitulado «O Sono do Coração», que não consta do texto de *Dolentes*, o qual termina com esta estrofe:

*Faz frio. Que importa que gele a neblina
Quando se dorme e sonha e esquece?
Oh, lua de Junho, se a morte fulmina,
O sono as dores adormece!
Oh, coração, dorme...
Parece
Que uma mulher o afaga e nina!*

Comenta Sânzio: «Este poema desconhecido, com sua atmosfera mística, sua impressionante musicalidade, em que se associam versos hendecassílabos iâmbico-anapésticos e octossílabos, poderia figurar em qualquer antologia do Simbolismo brasileiro; e não só de seu ritmo, como também da repetição do início do 3.º verso, em que surge o fascínio da lua, provém grande parte de sua magia encantatória.»

O Só é de 1892 e os moços da Padaria Espiritual faziam dêle, consoante testemunho de Adolfo Caminha, nas *Cartas Literárias* (Rio, Tip. Aldina, 1895, p. 163), «a nossa bíblia, o nosso encanto, o nosso livro amado». Natural seria que o poeta de *Dolentes* participasse também dessa afeição literária extremada, que não ficasse indiferente, por isso, à sugestão prodigiosa da admirável fonte renovadora que lhe vinha d'além-mar. Contudo, Lívio deve a Antônio Nobre uma influência apenas ocasional, tal como êle, Nobre, ficou a dever a Cesário Verde e a Gomes Leal. Uma influência pouco precisa e incapaz de alterar a natureza original e definidora do influenciado.

Lívio Barreto seria, e foi, um simbolista por índole e, na medida do provável e necessário, por contingências culturais.

O Simbolismo tem entre nós certidão de nascimento; o ano de 1893, data da publicação de *Broquéis*, de Cruz e Sousa, e Lívio Barreto, numa província distante da Metrópole, escassa de bibliotecas e de comunicações com os grandes centros culturais, já se expressava, antes mesmo daquela data, com acentos simbolistas, *v. g.*, o poema «*Dolentes*», de 1892.

É verdade que foi em 1891 que Cruz e Sousa, B. Lopes, Oscar Rosas e Emiliano Perneta lançaram uma espécie de declarações simbolistas pelo jornal *Fôlha Popular*, à maneira do que ocorreu em França, quando Moréas publicou no suplemento literário do *Fígaro*, a 18 de setembro de 1886, o seu famoso manifesto. Neste caso, o fato passava a oficializar o Simbolismo francês com característica de escola.

Todavia, essas demarcações históricas são, de certo modo, ociosas. O Simbolismo nasceu de uma necessidade incontida de renovação que ainda hoje perdura, e não somente como forma mas ainda como um corpo de idéias êle se manifestou e se impôs. Manifestou-se como poesia para servir à idéia, a idéia que se exprime em suas analogias exteriores, segundo a imaginação, a alma, o tempo e o meio em que o poeta se revela.

De resto, a forma é, em realidade, apenas o vestuário das idéias e dos sentimentos. Comumente, como acontecem às

modas, as formas ficam ultrapassadas tanto mais, sejam elas abusivamente utilizadas; mas a idéia permanecerá na medida em que esteja apoiada em estruturas poéticas conciliantes com os motivos emocionais que a inspiraram e definiram.

Forma e essência realizam o ideal da poesia em sua origem divina e com isto o poeta se transforma em criatura divinizada pela imortalidade de que é beneficiário. E Lívio Barreto nasceu poeta e viveu permanentemente em estado de poesia. Por isso, deixou um livro que é patrimônio espiritual de nossa cultura. O moço granjense, humilde e atirado pela indiferença dos que lhe sucederam ao lado extremo do século agora revive, não pereceu de todo. Mães generosas, ontem como agora, o recolheram e o apresentaram em suas necessárias dimensões: Seu Livro único, *Dolentes*, deixado pronto pouco antes de sua morte, foi publicado póstumamente pela solicitude de Waldemiro Cavalcanti e a comovida benemerência da Padaria Espiritual. Agora revive pela compreensão inteligente deste Conselho de Cultura, pelo esforço conjugado da Secretaria de Cultura do Ceará e da Universidade Federal do Ceará que lhe prepararam e promoveram a edição comemorativa do centenário de nascimento do autor.

Lívio Barreto desta maneira sugestiva se impõe à posterioridade, realiza o seu destino de poeta. Mas, se para razões, ainda assim lhe ficariam os poemas. Sua memória, suas dores e padecimentos, suas incertezas e vacilações, seus anseios vergonha nossa não houvesse as providências destas comemorariam latejantes nos poemas. E estes não passarão.

Braga Montenegro